

CONTINUIDADE E MUDANÇA NO LITORAL DE SANTA CATARINA

*Pedro Ignácio Schmitz**

SCHMITZ, P.I. Continuidade e Mudança no Litoral de Santa Catarina. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 8: 25-31, 1998.*

RESUMO: Continuidade e mudança no Litoral de Santa Catarina estuda sete concheiros escavados em grandes superfícies e mostra as diferenças entre eles. Continuidade parece devida principalmente à identidade do ambiente e estática social, ao passo que mudança é trazida principalmente por novas populações que chegam ao Litoral.

UNITERMOS: Continuidade – Mudança – Litoral – Concheiros.

Neste artigo quero examinar alguns elementos de continuidade (ou uniformidade) e mudança (ou diversidade) no litoral de Santa Catarina, usando sete sítios, distribuídos entre o litoral setentrional, o central e o meridional deste Estado.

Todos os sítios foram escavados em extensão considerável e, com isso, os elementos do sítio estão bem representados em termos de alimentação, tecnologia lítica, óssea, malacológica e cerâmica (quando é o caso), de biologia humana, ritual e estrutura do sítio. A cronologia vai de 4.500 anos A.P. até perto do Descobrimento europeu. Todos os sítios são rasos, unicomponenciais e bastante extensos. Não está incluído nenhum dos grandes sambaquis da baía de São Francisco, no Litoral Norte, ou de Laguna, no Litoral Sul, o que limita, mas não desautoriza, as nossas considerações. A não inclusão não se deve ao fato de que não tínhamos informações comparáveis, de primeira mão, para essa inclusão.

Estudos de diversidade são numerosos, tanto no litoral de Santa Catarina (Beck 1968 e 1972,

Prous & Piazza 1977, Hurt 1983/84, Neves 1984, Aguiar & Neves 1994) e no litoral brasileiro (desde Emperaire & Laming 1956, passando por Heredia & Beltrão 1980, Dias 1980, Andrade Lima 1991 e Gaspar 1991) para não citar mais que alguns bem próximos de nós.

A mudança nos sítios litorâneos tem sido formulada de várias maneiras: a substituição das ostras por outras espécies de moluscos, a substituição da coleta litorânea de moluscos pela pesca, o enriquecimento da coleta e pesca marinha por um abastecimento mais variado, que incluiria maior intensidade da caça, da coleta vegetal e mesmo o cultivo; de um horizonte pré-cerâmico para um cerâmico, das ditas tradições regionais (Itararé e Una).

As explicações mais freqüentemente aduzidas para a mudança são paleoambientais, acentuando a possibilidade sucessiva dos recursos, a pressão demográfica com superexploração dos alimentos disponíveis, levando à busca de outros, menos ricos, ou a chegada de novas populações com tradições alimentares, tecnológicas, sociais e culturais diferentes.

A continuidade (ou uniformidade) foi explicada pela adaptação a um ambiente uniforme, levando à organização da sociedade num mesmo nível,

(*) Instituto Anchieta de Pesquisa/UNISINOS.

mesmo com algumas variantes culturais. Esta uniformidade seria tanto mais acentuada quanto se pensa que a população litorânea não teria sofrido ingerência de novas populações, vindas do interior.

Minha intenção, nesta palestra, não é refazer toda a história dos estudos do litoral, mas mostra como os sete sítios escavados em Santa Catarina podem ajudar e entender a complexidade da questão. Seis desses sítios foram escavados por João Alfredo Rohr e um deles pela equipe do Instituto Anchieta de Pesquisa/UNISINOS.

Apresento um sítio depois do outro, indicando como eles se relacionam com o tema em questão.

O sítio mais antigo é o do **Pântano do Sul** (Schmitz & Bitencourt 1995), na praia de uma enseada aberta para o alto mar, na ponta meridional da Ilha de Santa Catarina. O sítio estende-se por centenas de metros ao longo da água, não alcançando mais que 2m de espessura.

As datas dos estratos arqueológicos vão de 4.515 a 3.735 anos A.P.

O material mais abundante nas camadas são os ossos de peixes, entre os quais se destaca a miragaia. Moluscos são poucos, a não ser num extremo do sítio, onde existe uma lixeira limitada, que alcança um metro de espessura e uns 4m de diâmetro. Em toda a extensão do sítio são numerosos os ossos de aves, com predomínio do pingüim, também há restos de caça terrestre e marinha.

A indústria lítica é predominantemente polida, associada a lascamento e uso de seixos sem grandes modificações intencionais. É utilitária (cortar, esmagar, lastrar) e ornamental, incluindo diversos zoólitos. Os artefatos em pedra fazem parte de um patrimônio comum do litoral, que pouco se modifica até a Conquista européia.

Na indústria óssea existem numerosas pontas de projétil sobre diáfises de ossos longos de aves e de pequenos mamíferos e características, e pouco repetidas pontas, feitas sobre esporão de bagre, seccionadas em ambas as extremidades.

Numa escavação de 294m², embora não toda até a base, só foram encontrados 4 sepultamentos, primários, fletidos, o que é muito pouco para sítios do litoral.

A distribuição do material no sítio, com pequenos fogões dispersos, dá a nítida impressão de sucessivos acampamentos de pequenos grupos, que vinham pescar e caçar, muito mais que coletar moluscos.

O sítio corresponde muito mal ao esquema evolutivo veiculado para o litoral, porque a pesca,

a caça de aves e o predomínio da pedra polida vêm muito cedo.

Perto, também no sul da Ilha de Santa Catarina, existe outro sítio, datado de 2.670 anos A.P.: a **Armação do Sul** (Schmitz e outros 1992). Também na praia de uma enseada que se volta para o alto mar.

O sítio encontra-se muito mais concentrado, mas os estratos também não passam de um metro de espessura. As camadas compõem-se de ossos de peixes, moluscos e restos de caça.

A indústria lítica é semelhante à do **Pântano**. Também a óssea, embora com diferenças.

Nos 270m² escavados (como no **Pântano**) foram recuperados 86 sepultamentos primários, estendidos, de indivíduos distribuídos irregularmente numa parte do sítio, sem formar cemitérios domiciliares distinguíveis.

A biologia dessa população se distinguiria, segundo Neves (1984), da população pré-cerâmica dos outros sítios litorâneos de Santa Catarina, podendo ser de uma outra população, vinda do planalto.

O assentamento ainda não parece uma aldeia estável, mas os espaços dentro do sítio (área de sepultamento, lugar de combustão e espaços de trabalho) são bastante definidos, o sítio é nucleado e sucessivas ocupações parecem ter-se repetido no mesmo lugar, ao passo que no **Pântano** eles se distribuem num espaço mais amplo.

Os moluscos, novamente, têm pouca importância e o abastecimento é variado. Apesar de se falar num grupo biológico diferente, a exploração dos recursos é semelhante à dos outros sítios litorâneos de Santa Catarina.

Deslocando-nos para o norte do Estado encontramos um sítio muito semelhante: **Laranjeiras I**, junto à cidade Balneária Camboriú (Schmitz e Bitencourt 1995).

O sítio está na praia de uma enseada aberta para o alto mar. É um depósito concentrado e raso (100cm), composto predominantemente por moluscos e, entre estes, ostras.

A indústria lítica e óssea é semelhante à dos dois sítios anteriores.

Nos 262m² escavados (como nos sítios anteriores) foram recuperados 52 sepultamentos primários, estendidos, distribuídos num espaço determinado do sítio.

Biologicamente, a população, segundo Neves (1984), seria semelhante à de outros sítios pré-cerâmicos do litoral, diferente, portanto, da **Armação do Sul**.

O sítio se teria formado pela (re)ocupação, com uma certa regularidade, matendo-se o espaço dos sepultamentos e da área de combustão, mas sem, ainda, formar uma aldeia propriamente dita.

A data de 3.815 ± 145 anos A.P. coincide com as do **Pântano**, só que, ao contrário do **Pântano**, onde temos peixes, aqui temos moluscos predominando.

No litoral meridional temos mais um sítio pré-cerâmico, mas ele é tão diferente que prefiro tratá-lo no fim desta apresentação.

Finalmente há três sítios com cerâmica da tradição Itararé, típica do planalto do Paraná, cuja entrada no litoral se pleiteia para os últimos séculos do primeiro milênio de nossa era.

Como paradigma desses sítios tomo **Laranjeiras II** (Schmitz e outros 1993), localizado a uns 500m do pré-cerâmico **Laranjeiras I**, na praia e enseada, aberta para o alto mar.

É também um sítio raso, concentrado, com ossos de peixes, moluscos, mamíferos, representando um abastecimento mais variado que o dos sítios pré-cerâmicos.

A indústria lítica é muito parecida, em suas características gerais e particularidades, à dos sítios pré-cerâmicos anteriormente citados. A indústria óssea, também semelhante, é mais rica e tem anzóis de osso e outras variações antes desconhecidas. Mais de 5.000 cacos de cerâmica, inconfundivelmente Itararé, marcam a maior das diferenças.

Nos 500m² escavados foram resgatados 114 sepultamentos primários, fletidos, enterrados dentro das choupanas, ao longo das paredes, outra diferença.

A biologia da população também é claramente estranha ao litoral (Neves 1984).

O sítio resulta de uma aldeia estável, de choupanas grandes (8m de diâmetro) e duradouras, com até 30 mortos enterrados numa só moradia. Área de fogões permanentes, espaços de trabalho e até lixeiras separadas para materiais ofensivos confirmam o conceito de aldeia.

Biologicamente, a população é adventícia, sugerindo a cerâmica um forte parentesco com a do planalto do Paraná e Santa Catarina. Mas grande parte de tecnologia e do abastecimento são semelhantes aos dos pré-cerâmicos locais e não aos do planalto, donde pretensamente seriam originários.

Um pouco mais para o norte, junto à cidade de Itajaí, na desembocadura do rio do mesmo nome, temos outro sítio parecido, também com cerâmica

Itararé, porém menos abundante: **Cabeçudas** (Schmitz & Verardi 1995).

Os restos alimentícios são variados como os do sítio anterior.

A indústria lítica, devido à pequena escavação, está pouco definida.

A indústria óssea apresenta grandes semelhanças, mas também algumas diferenças.

Nos 38m² foram escavados 62 sepultamentos primários, fletidos, mostrando a mesma feição de enterro, dentro da moradia, do sítio anterior.

Biologicamente o grupo foi considerado não-adventício, mas do velho tronco pré-cerâmico.

O sítio apresenta claramente a feição de uma aldeia estável, como o anterior, com características culturais predominantemente adventícias, biológicas locais, tecnológicas mestiças.

O terceiro sítio Itararé é o da praia da Tapera (Silva e outros 1990), numa enseada aberta para o Estreito, na Ilha de Santa Catarina.

Trata-se de um sítio raso, como os dois anteriores, com as camadas compostas de ossos de peixes, moluscos e ossos de caça variada.

A indústria lítica e óssea é fundamentalmente a mesma dos outros sítios Itararé. Também a cerâmica, que é abundante, porém, proporcionalmente, menos que em **Laranjeiras II**.

Nos mais de 2.000m² escavados foram recuperados 172 sepultamentos, primários, estendidos (com poucas exceções), no começo enterrados dentro das choupanas, ao longo da parede, depois em cemitérios domiciliares claramente delimitados.

A população, tomada como um todo, foi indicada como mestiça (Neves 1984), mas é possível que no começo haja um grupo fundador adventício que posteriormente se juntaria com a população local, como sugere a forma de sepultamento.

O sítio tem três datas para esta ocupação: 810, 920 e 1.165 A. D.

A organização dos sepultamentos e do material sugere uma aldeia estável, várias vezes reconstruída, sobrepondo-se os cemitérios domiciliares em direções diferentes.

Se olhamos os dados desses seis sítios percebemos que, neste litoral, não se pode falar de uma seqüência de ostras/outros moluscos, nem de moluscos/peixes, mas que se verifica uma diversidade na exploração dos recursos disponíveis localmente, havendo sempre peixes, moluscos e mamíferos.

Uma utilização maior dos mamíferos acompanha a chegada do horizonte Itararé, seja nos sítios de populações ditas adventícias (como **Laran-**

jeiras II), seja nos de população dita tradicional do litoral (**Cabeçudas**), ou dita mestiça (**Tapera**).

Nessa exploração permanece a indústria lítica, inclusive a ornamental (artefatos fusiformes), ao passo que a óssea se torna mais rica e parcialmente diferente.

O assentamento se torna estável com o horizonte Itararé, surgindo aldeias, onde antes teria havido acampamentos sucessivos. Como funcionariam estes acampamentos sucessivos e onde a população estaria quando não acampada nos lugares estudados são questões que os arqueólogos ainda não resolveram.

Os novos costumes, vindos com uma população dita invasora (Chmyz 1978) ou adventícia (Neves 1984), se transmitem também à população nativa e, do encontro das populações, nascem mestiços físicos e culturais.

A continuidade (ou uniformidade) tecnológica parece fortemente associada ao meio-ambiente em exploração, mas também à estática cultural dos grupos fundadores.

A diversidade dos recursos explorados parece associada às disponibilidades dos diversos lugares, nuns mais peixes, em outros mais moluscos.

A mudança (e diversidade) cultural e social parece decorrer mais do advento de novas populações e não de uma evolução local provocada por pressão demográfica e superexploração (ver também Bandeira 1992).

Para reforçar este último ponto quero concluir com um novo sítio pré-cerâmico, que a equipe do Instituto Anchieta de Pesquisa/UNISINOS escavou (1992-1995) no litoral meridional de Santa Catarina.

Trata-se de um sítio raso, composto por várias manchas contíguas de restos, junto à desembocadura antiga do rio Araranguá (**Barra Velha, Içara**).

As camadas, com uma espessura de não mais que 30cm, se compõem de cascas de moluscos marinhos, ossos de peixes marinhos, restos de caça e carochos de frutos.

Nos 364m² escavados foram recuperados 46 sepultamentos, quase a metade deles cremados, com os ossos associados em covas circulares de 40 a 50cm de diâmetro, que podem conter restos de até 5 indivíduos, entre adultos, jovens e crianças. Outra parte dos sepultamentos são secundários, também geralmente associados da mesma forma, em pequenas covas circulares do tamanho das anteriores. Finalmente o restante dos sepultamentos são primários, de adultos, jovens e crianças,

predominantemente fletidos ou semifletidos, mas, às vezes, também estendidos, com o rosto para baixo. Os sepultamentos de todas essas categorias são coetâneos. O ritual de sepultamento difere completamente do ritual observado nos demais sítios do litoral de Santa Catarina de que falamos anteriormente.

A escavação de **Içara** nasceu da necessidade de compreender como teriam funcionado os sucessivos acampamentos estacionais de populações do interior, que vinham ao litoral, mas não viviam nele permanentemente.

Os recursos explorados são essencialmente os mesmos das populações residentes porque o ambiente é o mesmo. Mas a tecnologia de exploração coincide muito pouco e os elementos coincidentes parecem ser os bem gerais, decorrentes de adaptações funcionais primárias, como podem ser considerados os quebra-coquinhos.

Os sucessivos acampamentos estacionais do sítio de **Içara** podem ser isolados, embora existam áreas de superposição.

São conhecidas duas áreas de sepultamentos, que, igual aos locais específicos dos diversos acampamentos estacionais, não parecem contemporâneas. O sítio parece ter um significado especial no território de ocupação do grupo. Essa distinção se manifesta no fato de que são trazidos para este sítio, fortemente fletidos, descarnados ou descarnados e cremados, os corpos dos falecidos em outros acampamentos de seu território de ocupação.

A forma e tamanho das covas de alguns fletidos, dos secundários e dos cremados, bem como a disposição e sobreposição dos ossos dos secundários e secundários cremados sugere que eram trazidos em cestos, cujos materiais naturalmente desapareceram, mantendo-se apenas a forma.

As dúzias de mãos-de-pilão, tão destoantes do litoral, mas características do planalto, indicam a floresta atlântica e as terras altas do interior como território do grupo. Estas mãos-de-pilão são trazidas prontas e não voltam com o grupo: são todas destruídas, quebrando-se-as em pedacinhos. Nos demais sítios litorâneos cerâmicos ou pré-cerâmicos costuma haver muitas lâminas de machado; aqui elas estão completamente ausentes.

O sítio tem duas datas: a base de uma das manchas centrais foi datada em 790 ± 50 A.D. (calibrada 370 ± 60); a base de outra em 910 A.D. (calibrada 500).

Não posso generalizar a partir dos sítios recolhidos do litoral catarinense. Mas eles nos põem

uma série importante de considerações quando tratamos de continuidade (ou uniformidade) e mudança (ou diversidade) nos sítios litorâneos.

A primeira é que o ambiente do sítio é importante: os sítios estudados de Santa Catarina estão em praias abertas e os manguezais, pouco expressivos, não se constituem, nestes casos, em fonte importante de abastecimento; mas sim a fauna da enseada em que estão peixes, mamíferos marinhos e moluscos variados. Este ambiente pouco muda através dos últimos milênios e seus recursos principais são permanentemente renovados, sendo difíceis de esgotar, mesmo com aumento da população.

Nessas condições, a estática cultural deve funcionar e populações fixadas ao longo da costa manter a sua forma de abastecimento, sua tecnologia e sua organização social durante longos períodos, dentro de espaços e ambientes parecidos. Com isso não dizemos que não haja certas diferenças alimentares, tecnológicas e culturais, que têm servido para os arqueólogos estabelecerem suas fases. Nem podemos excluir que estas populações, que circulam no litoral e se mantêm nele, apresentem diferenças biológicas. Mas as condições de exploração de seu ambiente parecem responsáveis por certa continuidade.

A descontinuidade aparece fortemente quando populações do interior incorporam o litoral em seus territórios de domínio. Elementos do abastecimento e da tecnologia dos povoadores tradicionais do litoral podem, então, ser incorporados ou mesmo substituir parcialmente a tecnologia anterior. mestiçagem com estas populações também pode ocorrer, mas elementos sociais e culturais parecem ter força e permanecer. No litoral de Santa Catarina, esta incorporação deve ter se dado repetidas vezes e as descontinuidades mais aparentes são devidas a essas expansões.

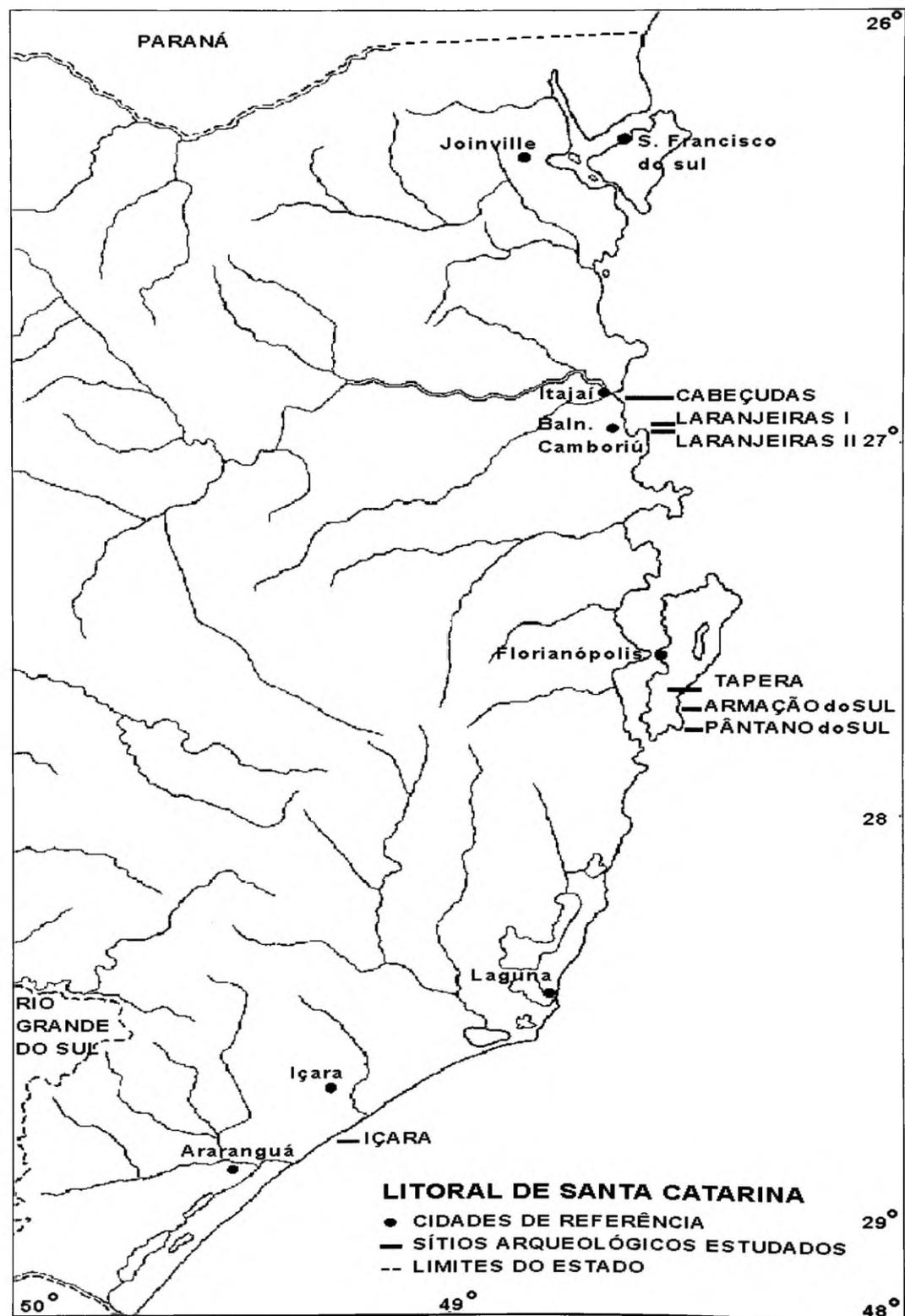
Como dissemos inicialmente, não incluímos em nosso estudo grandes sambaquis em áreas provavelmente mais atingidas pelas oscilações do nível do mar, as quais provocam mudanças ambientais consideráveis na disponibilidade de certos recursos; nelas a pressão demográfica poderia ter produzido os efeitos pleiteados para certas áreas brasileiras, como a passagem das ostras para outras espécies de moluscos e a passagem dos moluscos para os peixes. Mas a pesca litorânea, adotada neste momento, já está presente antes em sítios de outras áreas, como acabamos de mostrar.

A relação de sítios pré-cerâmicos por nós estudados com esses grandes sambaquis ainda é desconhecida.

SCHMITZ, P.I. Continuity and change in the coast of Santa Catarina. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 8: 25-31, 1998.

ABSTRACT: Stability and change on the seashore of the federal state of Santa Catarina studies seven shell mounds with large excavated areas and examines the differences between them. Stability seems to be consequence of the sameness of the environment and social statics; change is especially brought in by new coming populations.

UNITERMS: Stability – Change – Seashore – Shell mounds.



Referências bibliográficas

- AGUIAR, V.W. de; NEVES, W.A.
1994 Antropologia física e padrões de substância no Litoral Norte de Santa Catarina: a questão da introdução da horticultura. Trabalho apresentado na Reunião da ALAB, Rio de Janeiro.
- ANDRADE LIMA, T.
1991 *Dos mariscos aos peixes: um estudo zooarqueológico de mudança de subsistência na pré-história do Rio de Janeiro*. São Paulo, USP. Tese de doutorado.
- BANDEIRA, D. da R.
1992 *Mudança de estratégia de subsistência. O sítio arqueológico Enseada I – Um estudo de caso*. Florianópolis, UFSC. Dissertação de mestrado.
- BECK, A.M.
1968 A cerâmica dos sambaquis do Litoral Norte de Santa Catarina. *Pesquisas, Antropologia*, 18: 89-100. São Leopoldo, RS.
1972 *A variação do conteúdo cultural dos sambaquis: litoral de Santa Catarina*. São Paulo, USP. Tese de doutorado.
- CHMYZ, I.
1967 A ocupação do litoral dos estados do Paraná e Santa Catarina por povos ceramistas. *Estudos Brasileiros*, 1:7-43. Curitiba, UFPR.
- DIAS JUNIOR, O.F.
1980 Rio de Janeiro: a tradição Itaipu e os sambaquis. P.I. SCHMITZ; A.S. BARBOSA; M.B. RIBEIRO (Eds.) *Temas de Arqueologia Brasileira*, 3, Goiânia, UCG.
- EMPERAIRE, J.; LAMING, A.
1956 Les sambaquis de la côte meridionale de Brésil; campagnes de fouilles (1954-1956). *Journal de la Société des Américanistes*, n.s. 45:5-163. Paris.
- HEREDIA, O.R.; BELTRÃO, M. da C. de M.C.
1980 Mariscadores e pescadores pré-históricos do litoral centro sul brasileiro. *Pesquisas, Antropologia*, 31:101-119. São Leopoldo, RS.
- HURT, W.R.
1983/84 Adaptações marítimas no Brasil. *Arquivos do Museu de História Natural*, vol. VII / IX: 61-72. Belo Horizonte, UFMG.
- GASPAR, M.D.
1991 *Aspectos da organização social de um grupo de pescadores, coletores e caçadores: região compreendida entre a Ilha Grande e o delta do Paraíba do Sul, Estudo do Rio de Janeiro*. São Paulo, USP. Tese de Doutorado. 2ª edição.
- NEVES, W.A.
1984 *Paleogenética dos grupos pré-históricos do litoral sul do Brasil*. São Paulo, USP. (Também em *Pesquisas, Antropologia*, 43 (1988). São Leopoldo, RS).
- PROUS, A.; PIAZZA, W.F.
1977 Documents pour la préhistoire du Brésil méridional 2 – L'état de Santa Catarina. *Cahiers d'Archéologie d'Amérique du Sud*, 4. Paris.
- SCHMITZ, P.I.; BITENCOURT, A.L.V.
1995 Escavações Arqueológicas do Padre João Alfredo Rohr, S.J O sítio pré-cerâmico do Pântano do Sul, na Ilha de Santa Catarina, SC. *In litteris*.
1995 Escavações Arqueológicas do Padre João Alfredo Rohr, S.J O sítio pré-cerâmico de Laranjeiras I, Balneário Camboriú, SC. *In litteris*.
- SCHMITZ, P.I.; VERARDI, I.
1995 Escavações Arqueológicas do Padre João Alfredo Rohr, S.J. O sítio de Cabeçadas, Itajaí, SC. Um sítio da tradição ceramista Itararé. *In litteris*.
- SCHMITZ, P.I. e outros
1992 Escavações Arqueológicas do Padre João Alfredo Rohr, S.J. O sítio arqueológico da Armação do Sul. *Pesquisas, Antropologia*, 48. São Leopoldo, RS.
- SCHMITZ, P.I. e outros
1993 Escavações Arqueológicas do Padre João Alfredo Rohr, S.J. O sítio da Praia das Laranjeiras II. Uma aldeia da tradição ceramista Itararé. *Pesquisas, Antropologia*, 49. São Leopoldo, RS.
- SILVA, S.B. da e outros
1990 Escavações Arqueológicas do Padre João Alfredo Rohr, S.J. O sítio arqueológico da Praia da Tapera: Um acentamento Itararé e Tupi-guarani. *Pesquisas, Antropologia*, 45. São Leopoldo, RS.

Recebido para publicação em 19 de março de 1998.